

## A ESTÉTICA COMO UM VALOR NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Rui Proença GARCIA\*  
Kátia Moreira LEMOS\*\*

---

### RESUMO

Um dos principais objetivos da educação é de dar um mundo às crianças, pelo que “nada do que é humano se deve ignorar em educação” (Patrício, 1993). A estética é um importante valor do nosso tempo, pelo que a educação terá também que a considerar ao longo do seu processo. O objetivo deste trabalho é verificar como que os sistemas educativos de Portugal e do Brasil, através dos seus documentos oficiais, abordam o valor da estética na disciplina de Educação Física. Para a realização deste trabalho utilizou-se a técnica de análise de conteúdo (Bardin, 1995; Grawitz, 1993; Silverman, 2000; Vala, 1986), tendo-se verificado que os documentos gerais sobre a educação referem a estética como um valor a desenvolver na escola mas que a disciplina de Educação Física a exclui das suas preocupações. Concluímos que há um afastamento entre os grandes valores que marcam hoje o nosso mundo e as atividades desenvolvidas na Educação Física, recomendando que esta se abra às novas atividades desportivas, que enfatizam a dimensão estética do ser humano.

UNITERMOS: Educação; Educação física; Valores; Estética.

---

### INTRODUÇÃO

Sonhar constitui-se numa das mais extraordinárias capacidades humanas. O sonho, como diz um poeta português, António Gedeão, *comanda a vida / que sempre que um homem sonha / o mundo pula e avança / como bola colorida / entre as mãos de uma criança* (Pedra Filosofal, 1969).

Todos nós temos direito ao sonho, a essa maravilhosa aventura que nos projeta para além daquilo que somos, que nos leva a olhar para o mundo de uma outra forma, possibilitando, depois, um regresso ao nosso cotidiano com mais uma utopia realizada, mesmo que apenas na dimensão onírica. William Shakespeare, de forma poeticamente superior, dizia que todos nós, seres

*Nada do que é humano se deve ignorar em educação.*  
Manuel Ferreira Patrício (1993)

humanos, somos feitos da mesma substância de que são feitos os sonhos. É um parentesco, como nos lembra Savater (2000), que deveremos ter em devida conta.

As pessoas da Educação Física também têm direito aos seus sonhos, às suas viagens para e através de um outro mundo, com o fito de a olharem a partir de uma outra perspectiva, quiçá de fora, para que, ao voltarem à dura realidade, possam ter experienciado novas sensações, novos enfoques, novas utopias, enfim, novas conquistas.

Tudo isto vem a propósito do sonho dos autores destas páginas, que, saindo da realidade sensível, atingiram um outro patamar das

---

\* Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto - Portugal.

\*\* Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais.

suas existências cotidianas, afastando-se das tradicionais atividades das aulas de Educação Física, fugindo das habituais fundamentações teóricas destas aulas, chegando, claro está que em sonho, a uma outra dimensão, vindo daí uma nova Educação Física, onde não haveria evasão, nem “desprazer” existindo apenas alegria pela atividade desenvolvida. E o ponto de partida para essa viagem foi a leitura de um filósofo alemão, de nome Hegel (1995), em particular o seu extraordinário livro intitulado *Estética*, onde o autor a eleva à função de “despertar a alma” (p.16), considerando ser este o seu fim último.

Sonhemos, então, com a estética enquanto valor existencial na Educação Física, considerando, como o faz Manuel Ferreira Patrício, que “nada do que é humano se deve ignorar em educação” (Patrício, 1993, p.115), despertando assim a nossa alma para valores atuais e amplamente vivenciados pela juventude, tentando contribuir para uma necessária discussão sobre a adequação da Educação Física aos novos tempos.

Assim, é propósito deste trabalho analisar a forma como os sistemas educativos de Portugal e do Brasil, através dos seus documentos oficiais mais representativos, lidam com a estética na educação, especialmente na disciplina de Educação Física.

## ESTÉTICA COMO VALOR

A palavra estética é originária do grego, “aisthesis”, significando percepção ou sensação. Segundo Hegel, só em meados do século XVIII, através de A. Baumgarten (1714-1762), é que esta palavra entrou no vocabulário moderno, querendo significar a “ciência das sensações” (p.7). É evidente que não cabe discutir no presente trabalho se a estética é mesmo uma ciência, e por isso submetida aos cânones e critérios da racionalidade cognitivo-instrumental, ou se se legitima através de uma outra racionalidade que não esta. Aqui, neste trabalho e baseados nos autores citados, estética será entendida como a reflexão filosófica sobre a beleza e a arte, e como um significativo valor humano.

Para Patrício (1993, p.117) “a estética é a disciplina que tem como objeto formal a reflexão sobre a beleza” sendo que esta ocupa hoje um lugar cimeiro no quadro axiológico da sociedade onde nos inserimos, de tal forma que levou Delfim Santos a considerar que “o belo não é um conceito nem uma idéia: é um valor e, portanto,

residente na esfera emocional do homem” (Santos, 1982, p.14).

É, talvez, repousado nesta afirmação de belo como valor, que vários autores consideram que uma moral humanista se deve pautar pelo Bom e pelo Belo (Fernandes, 1999; Patrício, 1993), pelo que a busca da excelência humana deve também orientar-se por estes importantes valores.

As palavras belo, beleza e estética, quando percebidas através desta visão humanista, não mais poderão ser consideradas como elementos simbólicos da futilidade ou da frivolidade dos nossos tempos, mas encaradas como valores existenciais, pelo que deverão ocupar o seu devido lugar no processo educativo, não podendo a Escola alhear-se destes valores em nenhum dos seus ciclos ou níveis de ensino. Acreditamos na educação em valores, pelo que estes terão que ser considerados na sua plenitude.

Platão (428-347 a.C.), na sua extraordinária obra *República*, um dos documentos mais impressionantes que conhecemos, alude à necessidade da harmonia entre a alma e o corpo o seu aspecto externo - enfatizando a beleza corporal, sendo que o belo e o bom, no século V a.C., traduziam o ideal de perfeição física e moral. A grandeza humana tinha assim um suporte físico pleno de harmonia estética, como, aliás, a estatuária grega evidencia com todo o seu esplendor. É de salientar que o nu artístico grego, ainda hoje referência estética, foi inspirado pelos corpos dos atletas de então (Rocha Pereira, 1988).

Leonardo da Vinci não se cansava de aludir à beleza da natureza, quer na sua proporção quer na sua essência, embora tenhamos a consciência que Hegel não considerava a natureza na perspectiva estética. Para ele, estética é a transcendência da natureza, isto é, a obra humana situada para lá do natural.

Alain Touraine (1994), na sua análise à modernidade, entende a evolução do pensamento como uma passagem da razão de Deus para a razão do estado, e desta para uma razão estética, assumindo esta última um papel preponderante no pensamento contemporâneo. A este respeito, Lipovetsky (1994) não hesita em considerar o imperativo narcísico como glorificado pela nossa cultura, nem Touraine (1994) em elevar os deuses do prazer ao altar-mor do panteão do nosso tempo.

A beleza deve traduzir-se assim em uma preocupação educativa, sendo necessária para o correto desenvolvimento da personalidade dos jovens de hoje, pelo que importa tratá-la na

totalidade das suas componentes, quais sejam, centradas na fruição, na criação e mesmo na sua reflexão (Patrício, 1993).

## ESTÉTICA E SOCIEDADE

A estética, em especial a corporal, aparece como um valor de extrema importância nesta nossa sociedade, considerada por Marc Augé (1994) como sendo da imagem. Entendemos legítima a abordagem pela estética do corpo humano, mesmo na linha da transcendência da matéria enunciada por Hegel, para quem as obras de arte “não são produtos naturais, mas produtos humanos” (1995, p.23), em virtude de considerarmos o corpo humano como uma verdadeira construção cultural, sendo comparável a um pedaço de madeira que cada um esculpe de acordo com a sua própria vontade e satisfazendo os mais variados projetos individuais.

A idéia da “morfogênese cultural” do corpo humano, já apresentada por Garcia (1998), mostra-nos que cada vez mais a própria forma corporal está umbilicalmente submetida à cultura, sendo, por isso, em grande parte um produto do espírito e não simplesmente o resultado da natureza. Romano Guardini (1999), nas suas famosas *Lições de Ética na Universidade de Munique*, alude que uma obra de arte é uma criação cultural, na qual o ser humano supera a própria natureza, acrescentando-lhe algo, sendo que essa realização pressupõe liberdade, a partir da qual se situa perante o mundo em que atua.

Sendo o corpo humano, como já indicamos, uma construção, é justo referenciá-lo como uma verdadeira obra de arte, como uma imagem produzida pela cultura, como algo mobilizável pelos diferentes ambientes socio-culturais e não como um simples produto da biologia ou da natureza.

A imagem que o nosso tempo “elegeu” como a ideal, aproxima-se bastante daquela evidenciada pelos jovens, de onde resulta o imperativo ético de “mantêm-te jovem o mais tempo possível” (Meinberg, 1990). No entanto, este imperativo não perspectiva a totalidade dos valores associados à juventude, mas apenas aqueles referentes ao aspecto exterior, à imagem que se projeta para a sociedade. Mais importante que as virtudes/defeitos da juventude, são as impressões corporais transmitidas para o exterior, onde o *ser* é nitidamente subjugado ao *parecer*. Não se é jovem, mas tenta-se *parecer* jovem.

A imagem, ou se quisermos ser mais rigorosos, os contornos corporais postos em evidência pela imagem tornam-se preponderantes nesta nossa sociedade contemporânea, nomeadamente nos meios urbanos ocidentalizados, onde se institucionalizou toda uma cultura, mesmo um negócio, em torno deste relevante valor.

O homem tem a consciência que é um ser finito e essa consciência cada vez mais é-nos proporcionado pelo corpo. Com efeito, o tempo *somatiza-se* (Garcia, 1999), modificando de tal forma os nossos corpos que basta a imagem destes para que consigamos perceber a idade do outro. Na busca da eternidade, o homem moderno tudo faz para que o corpo não evidencie as indeléveis marcas do tempo, tentando assim iludir aquilo que é inexorável e, até hoje, invencível.

Cresce o número daquelas pessoas que não querem ser vistas com determinado invólucro exterior, reflexo do tempo, mas com um outro, mesmo que o interior seja completamente diferente. Querem ser vistas sem o tempo, cristalizados num momento efêmero mas socialmente confortável, ou seja, querem permanecer jovens. O corpo associado a estas idades é aquele onde tudo parece ser harmonia, onde a beleza se irradia com mais evidência, onde se atinge melhor a ilusão da idéia de perfeição humana. É ainda o corpo com que muitos de nós gostaríamos de perpetuar para a eternidade.

Para que tal aconteça é necessário construir uma imagem esteticamente agradável, valendo tudo, mesmo o desporto, assumindo este um importante papel para a consecução deste processo de simulação.

## ESTÉTICA E ESCOLA

Para Delfim Santos, “o fim último da educação consiste, pois, em dar um mundo àquele que aparece sem mundo, como é característica do homem” (Santos, 1982, p.533). Desta forma, este autor afirma que a missão da educação é o de «imundar» o homem, isto é, possibilitar-lhe um mundo que lhe é preexistente e sobreexistente à sua condição individual sobre a Terra.

Embora possamos não estar em total acordo com o citado autor, não duvidamos da justeza da imagem poética de «imundar». Contudo, este ato implica que se dê ou se possibilite à criança a construção do seu mundo, pelo que é legítimo questionar sobre que mundo é que lhes iremos proporcionar. Aquele mundo em que fomos

educados, quiçá afastado da cosmovisão dos jovens, ou aquele outro em que eles se espelham, mas ao qual podemos não ser sensíveis?

O mundo dos jovens e o mundo dos professores não são forçosamente coincidentes, pelo que se torna imperioso tentar aproximar o mais possível a nossa tarefa educativa daquele mundo percebido pela atualidade, evitando um menor grau de adequação entre a realidade circundante e percebida pelos alunos, e aquela sentida pelos professores, invariavelmente membros de uma outra geração, educada que foi em valores diferentes. Naturalmente que os professores terão a tendência de transmitirem aquilo em que acreditam, mesmo que essas “crenças” se situem longe dos valores atuais.

Como já tivemos ocasião de mostrar, a estética surge no contexto das sociedades urbanas contemporâneas com uma importância enorme, principalmente no que diz respeito às jovens gerações (Gervilla, 1993), pelo que a idéia de “mundo” a inculcar na educação, deverá levar em devida conta este valor social. Não podemos esquecer que vivemos na era da imagem, onde valemos pelo que aparentamos ser, onde a sociedade impõe padrões de estética e de beleza que devem ser seguidos, imitados e/ou copiados a qualquer preço. A educação ao negar a vivência desses valores deixa de cumprir o seu papel crítico e analítico permitindo que as gerações jovens simplesmente reproduzam de forma não refletida os conceitos de determinada imagem.

Porém, malgrado um sem número de pretensas reformas educativas e curriculares ocorridas em Portugal e no Brasil, a Escola continua a ignorar na essência a formação estética dos seus alunos. Pinho Neno (1997) não tem sombra de dúvida em afirmar que a formação estética dos educandos nos diferentes níveis de escolaridade, pouca ou nenhuma atenção tem despertado por parte daqueles que são responsáveis pela educação.

Embora antecipando desde uma conclusão do presente estudo, verificamos que não há uma coincidência satisfatória entre os grandes desígnios enunciados pela legislação mais geral e sua concretização nos documentos relativos à Educação Física, emanados pelo poder executivo.

Passe o fato de se apontarem caminhos diversos e alternativos, o modelo da educação unidimensional continua a ser preponderante na Escola de hoje nestes dois países. Esta continua a reger-se pela via única, onde, nas palavras de Alain Touraine, a “racionalidade dos

meios” (1994, p.231) é hegemônica, estruturando o ensino pela racionalidade cognitivo-instrumental, dando pouco ou mesmo nenhum realce à racionalidade estético-expressiva, que, na visão de Boaventura Sousa Santos, lentamente surge com uma importância acrescida (Sousa Santos, 1996, p.194), neste momento da história do homem, comumente designado por pós-modernidade (Lyotard, 1989).

A este modelo de educação, unidimensional, contrapomos um outro, a educação pluridimensional (Patrício, 1996), que considera a integralidade formativa, orientando-se no plano ético, científico, tecnológico, social, religioso, estético e artístico (Pinho Neno, 1997), assumindo o professor a responsabilidade desta formação alargada, acompanhando o crescimento dos alunos rumo ao *ser pessoa, sendo*. Neste tipo de Escola é a pessoa, e não os seus conteúdos, o fim da educação. Nesta, a estética é um valor a ser considerado em todas as áreas disciplinares, cada uma na sua especificidade, e não adstrita a uma só área. Nesta Escola, o corpo é, também, para ser criado, fruído e refletido, especialmente na Educação Física, e não somente para ser entendido como uma simples máquina, mesmo que biológica e sofisticada. Nesta concepção de educação, o corpo é para ser vivido e sentido como algo em que nós investimos determinado capital simbólico. Nesta Escola, o corpo é também para ser apreciado, sem falsos preconceitos ou tabus. Nesta Escola, o movimento desportivo deve ser apresentado também pela sua beleza plástica e não apenas pela sua dimensão técnico-energética. Nesta Escola, as novas atividades desportivas mais de tipo estético, têm o seu lugar assegurado, não ficando jamais na periferia das preocupações dos professores. Finalmente, nesta Escola a educação não se limita à componente curricular mas invoca outras dimensões, nomeadamente a extra-curricular e a inter-curricular, de acordo com o modelo preconizado pelo Movimento da Escola Cultural (Patrício, 1996).

## METODOLOGIA E ANÁLISE DOCUMENTAL

A tarefa empírica para dar suporte a este trabalho teve como “corpus” os seguintes Documentos, que depois foram sujeitos ao processo analítico denominado de análise de conteúdo, de acordo com os princípios enunciados por Bardin (1995), Grawitz (1993), Silverman

(2000) e Vala (1986):

- a) *Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais* (editado em 2001 pelo Ministério da Educação do Governo de Portugal);
- b) *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (editado em 1996 pelo Governo do Brasil);
- c) *Parâmetros Curriculares Nacionais* (edição de 2000 do Ministério da Educação do Governo do Brasil).

Para concretização do estudo foi feita uma leitura dos referidos documentos, assumindo a análise de conteúdo a sua função confirmatória. A categorização foi assumida “a priori”, sendo que face à revisão bibliográfica efetuada buscaram-se, como unidades de registo, as palavras ou as expressões *estética, beleza, belo, arte, criação artística*, ou outras cujo contexto (unidade de contexto) sugerissem as primeiras, de acordo com o enunciado pelos autores que fundamentam a metodologia.

Finalmente, no que diz respeito à unidade de enumeração, optou-se pela análise da presença/ausência da categoria nos documentos, não se procedendo à sua quantificação por não ser possível atribuir significados aos “números encontrados”. A este respeito, Bardin (1995) é clara ao afirmar que a simples presença ou ausência de determinada categoria poderá veicular um sentido. Assim, e levando em devida conta os objetivos do presente trabalho, mais com o intuito de possibilitar o lançamento de hipóteses futuras que propriamente de obter já inferências gerais, este procedimento justifica-se.

O Documento (a), recentemente editado pelo Ministério da Educação do Governo Português, setembro de 2001, intitulado *Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais*, traça as competências entendidas como essenciais e estruturantes do desenvolvimento do currículo nacional, para os três ciclos do ensino básico, num total de nove anos de escolaridade (6/7-14/15 anos de idade dos alunos). O referido documento, logo nas páginas iniciais, apresenta os *Princípios e valores orientadores do currículo* (p.15). Um desses princípios, o quinto de um total de oito, é “o desenvolvimento do sentido de apreciação estética do mundo” referindo ainda o documento que estes princípios deverão ser promovidos “gradualmente ao longo da educação básica”, isto é, ao longo dos nove anos de ensino

obrigatório e universal. Na página 16, o Ministério da Educação avisa que “o desenvolvimento destas competências pressupõe que todas as áreas curriculares atuem em convergência” devendo ter um “carácter transversal” não ficando cada princípio refém de nenhuma disciplina específica.

Não poderíamos estar mais de acordo com as diretrizes enunciadas, prestando assim as nossas homenagens a esta tentativa de adequar os currículos aos valores hegemônicos da nossa sociedade.

Desta forma, o valor da estética na educação não é uma utopia nem é, sequer, o resultado de uma viagem onírica, mas um princípio estruturante da própria educação, validado pela entidade executiva máxima, o Ministério da Educação. Por um momento, e perante tal declaração de intenções, pensamos que o nosso sonho se tinha concretizado, mas, e há sempre um mas, quando continuamos a ler o referido documento, atendendo à operacionalização que cada disciplina faz desses princípios orientadores, assistimos, atônitos, à total diluição do valor da estética, salvo raríssimas exceções, como adiante veremos. Enfim, terminou o sonho, começando o autêntico pesadelo.

Do total de 10 grandes grupos disciplinares da Escola portuguesa (Língua Portuguesa; Línguas Estrangeiras; Matemática; Estudo do Meio; História; Geografia; Ciências Físicas e Naturais; Educação Artística; Educação Tecnológica e Educação Física), que correspondem a um número bem maior de disciplinas curriculares, apenas três (Línguas Estrangeiras, Educação Artística e Educação Tecnológica), e de forma muito ligeira, abordam o princípio declarado como orientador, transversal e geral da estética.

Da análise ao Documento (b), *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (LDBEN), promulgada sob o no. 9.394 em 1996 pelo Governo da República Federativa do Brasil, a palavra estética não aparece no seu articulado. Porém, não nos é difícil perceber que o seu sentido percorre alguns dos seus artigos, nomeadamente quando se alude à “criação artística” (V do artigo 4o.), ao “ensino da arte” (§ 2o. do artigo 26o.), da “compreensão do ambiente natural e social [...] das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade” (II do artigo 32o.), ou ainda quando se refere à “compreensão do significado [...] das artes” (I do artigo 36o.).

Naturalmente que uma visão reducionista poderá não compreender o alcance transversal que a palavra ou o conceito “arte” terá

neste documento, entendendo-a apenas como referente à pintura, escultura, quiçá à dança, mas afastado das outras disciplinas, quer de características mais técnico-instrumentais quer de tipo mais expressivo.

## ESTÉTICA E EDUCAÇÃO FÍSICA

Estranhamente, pelo menos face à nossa condição de entidades sonhadoras, os documentos oficiais que operacionalizam a Educação Física em Portugal, não fazem uma única alusão à estética, como se esta não se assumisse como um dos valores primeiros na atual conjuntura das atividades desportivas, como é o caso da legitimação das academias, “health-club’s” e ginásios. O próprio desporto de alto-rendimento há muito que invoca ou convoca a estética para o seu seio, não ficando indiferente ao apelo da sociedade, não descurando este importante manancial legitimador da sua atividade. Por quê, então esta omissão por parte da Educação Física? Não nos esqueçamos das palavras de Lipovetsky (1994), que é filósofo, quando refere que no desporto de alta competição “os limites são ultrapassados na perfeição estética dos comportamentos” (p.136), conferindo desta forma a esta expressão desportiva uma componente que “a priori” pareceria não ser de sua pertença.

Por seu turno, no respeitante à Educação Física no Brasil, apresentada pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN’s), Documento (c), a idéia de estética, expressa por esta mesma palavra ou por outras afins já anteriormente indicadas, aparece várias vezes, sendo considerada mesmo como uma das suas mais importantes dimensões (p.28).

Contudo, estranhamente, estranhamente quando nos é dito que na Educação Física

os conhecimentos construídos devem possibilitar a análise crítica dos valores sociais, tais como os padrões de beleza e saúde, que se tornaram dominantes na sociedade, seu papel como instrumento de exclusão e discriminação social e a atuação dos meios de comunicação em produzi-los, transmiti-los e impô-los (p.30)

posição esta reafirmada nas páginas 44, 72 e 89, numa clara ruptura com o valor hierárquico que a estética corporal ocupa no quadro axiológico de hoje nas nossas sociedades ocidentalizadas e

profundamente urbanizadas. Esta ruptura, a nosso ver, contraria o disposto na LDBEN, nomeadamente o ponto II do artigo 32o., quando alude “aos valores que fundamentam a sociedade” tentando de alguma maneira legitimar a educação aos valores correntes, o que nos parece óbvio e razoável.

Por outro lado, e também em desacordo com a nossa percepção de estética, os PCN’s opõem atividades competitivas a recreativas como se tal divisão fosse humanamente possível - afirmando que nas primeiras se valoriza a eficiência e nas segundas atividades a plasticidade estética (p.39). Quem, como nós assiste aos jogos de basquetebol da Liga Profissional Norte-Americana não pode, obviamente, compreender esta distinção ou polaridade. A harmonia corporal conseguida para se atingir a perfeição atlética resulta num conjunto de movimentos esteticamente conseguidos, isto já para não falar das modalidades estetizantes, tais como as diversas ginásticas, mormente a rítmica e a aeróbica, que o legislador coloca (p.51) como de manutenção da saúde e não em um outro item de atividades rítmicas ou expressivas ou mesmo inseridas nas atividades de competição.

A estética, neste documento, é entendida como a fruição ou “apreciação das mais diversas manifestações de cultura corporal” (p.70-1) e não como parte integrante de um processo de construção corporal que cada vez mais é perseguido por muitos.

As academias buscam essa realização humana pessoal mas, como sabemos, esses locais são apenas para alguns, enquanto que a Escola é para todos. Entendemos por isso que é obrigação da Escola contribuir para a construção estética de cada um.

Não temos sombra de dúvida quanto à subordinação da Educação Física ao desporto em geral (não confundir *este* desporto plural com o desporto olímpico, uma das suas expressões, quiçá a mais importante, mas apenas uma), nem quanto à sua subordinação à educação em geral, nem, tão pouco, aos documentos estruturantes desta última, pelo que estranhamente este seu alheamento em relação à estética, que ficou evidente na análise aos seus programas. Se a estética é convocada para dar sentido ao desporto, à educação e sendo como é um valor social de primeira água, não se compreende as razões deste esquecimento por parte da Educação Física.

As novas modalidades desportivas, em especial aquelas mais desenvolvidas nos

ambientes das já referidas academias, “health-club’s” e ginásios, espaços estes quiçá mais de acordo com o atual quadro axiológico da sociedade, enfatizam o valor estético do corpo, permitindo que este se expresse em todas as suas potencialidades, fundamentando-se nos mesmos valores antropológicos que o desporto mais tradicional (Garcia, 2002), possibilitando diversas atitudes perante si (recreação, competição, prazer, dor, sorte, azar, etc.), pelo que esquecer-las é esquecer a diversidade cultural, imperativo a realizar no nosso tempo.

Quando analisamos, por exemplo, a lógica da pontuação da Ginástica Aeróbica de Competição (Lemos, 1998), somos confrontados com categorias como *Qualidade Artística*, *Coreografia*, *Musicalidade*, *Criatividade*, todas elas referenciadas como sendo valores da denominada pós-modernidade, isto é, do nosso tempo e bem próximos daquilo que está inerente à idéia de estética. Mas, para além destes elementos subjetivos, outro conceito associado à pós-modernidade (Gervilla, 1993), outros surgem como *técnica*, *execução*, *intensidade*, *dificuldade*, elementos estes clássicos no desporto de competição olímpica.

Desta forma, entendemos que não há nenhuma ruptura entre as novas modalidades mais de tipo estetizante e os valores atribuídos aos desportos clássicos. Trabalhar com novos valores não significa, sempre, excluir ou esquecer valores antigos, bastando muitas vezes saber adaptá-los. Por outro lado simplesmente negar os novos valores, reproduzindo modelos ultrapassados, a que os nossos jovens não são sensíveis, implica inibir o processo de educação que deve ter como ponto principal o desenvolvimento do homem em sua totalidade.

### **CONCLUSÃO: PARA UMA EDUCAÇÃO FÍSICA (TAMBÉM) REFERENCIADA À ESTÉTICA**

O problema central da educação é o problema de transmissão de cultura, a que a Escola não poderá ficar indiferente. Esta transmissão cultural tem a ver com o passado e com o futuro: tem que ver com o passado porque deve respeitar o «complexo de tradições» constituintes de cada povo; tem que ver com o futuro, porque deve responder ao «complexo de aspirações» que igualmente constitui, no momento, cada povo.

Cada época, cada sociedade, cada região assumem determinadas características culturais, cabendo à Escola a obrigação de se configurar nesses valores tradicionais e prospectivos - para, a partir daí, intervir junto dos seus alunos.

Naturalmente que estes novos tempos são caracterizados pelos ventos da mudança, mesmo de mudança da hierarquia axiológica. Hoje enfatizamos valores que há uma geração passavam quase despercebidos ou assumiam um papel de autênticos não-valores. É o caso da beleza corporal como valor hedonístico, liberto que está da moral de culpabilidade de outros tempos. A nossa sociedade, isto é, a sociedade sujeita ao paradigma da denominada (pós) modernidade, e em especial a sociedade ocidentalizada urbana, caracteriza-se pela sedução da imagem bela e da juventude, pelo que a educação, no seu superior papel de transmissora de cultura, deverá (também) orientar-se por este valor. Negar o valor que a imagem tem para a nossa sociedade, é correr o sério risco de ficar à margem do processo educacional.

O desporto, na sua função de microcosmos da sociedade, há muito que se multiplicou em sentidos, permitindo que outras atitudes perante si também se pluralizassem sem, contudo, renunciar à sua essência. Há muito que o desporto convocou para o seu seio a estética, a construção corporal idealizada na beleza das formas, a auscultação de novas sensações corporais, como o risco, o prazer, a experiência da subjetividade e, obviamente, a beleza.

Assim sendo, é obrigação da Escola adequar a “oferta” de atividades da aula de Educação Física, diversificando-a, indo ao encontro dos diferentes modelos pessoais de atividade física, não devendo assumir *um* modelo como o modelo da aula. Se em tempos se impunha a necessidade de contextualizar a Educação Física ao modelo desportivo hegemônico, quiçá único, hoje impõe-se abri-la também, àquelas modalidades que convocam o corpo, o prazer, a beleza, a música, a dança, enfim, as expressões artísticas para o seu desenvolvimento.

Reconhecemos que muitas das novas modalidades desportivas, com uma dimensão tão apreciável nas academias, cumprem cabalmente essas funções, pelo que é um imperativo educativo, mesmo de natureza ética, desenvolver a Educação Física através destas novas atividades desportivas. Não nos esqueçamos que os alunos da Escola são os mesmos jovens que, depois como clientes, frequentam as academias e afins.

Sabemos que estas modalidades são efêmeras, mas só o são nos seus aspectos exteriores, pois na essência perpetuam os grandes valores do desporto.

Sabemos que estas modalidades não são atrativas para todos os alunos, mas complementam muito bem aquelas outras, clássicas, que não são motivadoras para muito(a)s outro(a)s aluno(a)s.

Sabemos que é difícil avaliar o desempenho técnico dos alunos através destas modalidades, mas estas poderão criar hábitos desportivos no(a)s jovens, um dos objetivos centrais da Educação Física.

Sabemos que a formação superior que capacita para a docência em Educação Física ainda não perspectiva a fundo o ensino destas novas modalidades, mas a formação ao longo da vida é uma exigência ética de todos os professores.

Sabemos que as novas atividades não resolverão a totalidade dos problemas da Educação

Física contemporânea, mas aliviarão alguns sem acrescentar outros.

Sabemos que estas modalidades podem expressar valores menos apreciáveis da nossa sociedade, tais como consumismo, superficialidade, banalidade, etc., mas também podem expressar valores de índole superior, tais como estética e beleza, mesmo corporais, constituindo-se uma nova hierarquia, quiçá mais elevada, tornando-se desta forma numa melhor pessoa.

Quão longe estamos ainda na Educação Física do pensamento de Kant, de Hegel, de Suassuna, de M. Patrício, de Delfim Santos, de Lipovetsky e de tantos e tantos outros autores atuais ou do passado. Quão longe estamos ainda na Educação Física dos valores dos nossos jovens que tanto enfatizam o valor da estética nas suas vidas. Quão longe está ainda esta Escola da sociedade onde se deveria inspirar para poder «imundar» convenientemente os seus alunos.

## ABSTRACT

### AESTHETICS AS A VALUE IN PHYSICAL EDUCATION

One of education's principal aims is to donate a world to children, therefore "nothing that is human should be ignored as far as education is concerned" (Patrício, 1993). The aesthetics is an important value of our time, hence it should also be considered throughout all the process of education. The goal of this essay is to verify, using official documents, in what way both Portuguese and Brazilian educational systems focus on the values of aesthetics specifically in the subject of Physical Education. To achieve this purpose one used the technique of contents analysis (Bardin, 1995; Grawitz, 1993; Silverman, 2000; Vala, 1986), the conclusion was that all documents about education refer aesthetics as a value one should develop in school even though most of the times it is excluded of Physical Education. So, there is a great remoteness between the remarkable values of our days and the activities developed in the subject of Physical Education, for this reason we advise a greater opening to all new sportive activities, those that emphasize the aesthetics dimension of the human being.

UNITERMS: Education; Physical education; Values; Aesthetics.

## REFERÊNCIAS

- AUGÉ, M. *Pour une anthropologie des mondes contemporaines*. Paris: Aubier, 1994.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- FERNANDES, A.T. *Para uma sociologia da cultura*. Porto: Campo das Letras, 1999.
- GARCIA, R. *Lição de síntese: provas de agregação*. Porto: Universidade do Porto, 1998.
- \_\_\_\_\_. Da desportivização à somatização da sociedade. In: BENTO, J.; GARCIA, R.; GRAÇA, A. *Contextos da pedagogia do desporto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999. p.113-63.

- \_\_\_\_\_. Contributo para uma compreensão do desporto: uma perspectiva cultural. In: BARBANTI, V.J.; AMADIO, A.C.; BENTO, J.O.; MARQUES, A.T. (Orgs.). **Esporte e atividade física: interação entre rendimento e saúde**. Barueri: Manole, 2002. p.321-37.
- GERVILLA, E. **Postmodernidad y educación: valores e cultura de los jóvenes**. Madrid: Dykinson, 1993.
- GRAWITZ, M. **Méthodes des sciences sociales**. Paris: Dalloz, 1993.
- GUARDINI, R. **Ética: lecciones en la Universidad de Múnich**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1999.
- HEGEL, G.W.F. **Estética**. Lisboa: Guimarães, 1995. (1.ed. 1835).
- LEMOS, K. Avaliando o código de pontuação de ginástica aeróbica esportiva da Federação Internacional de Ginástica” In: **EDUCAÇÃO física e esportes: temas atuais III**. Belo Horizonte: UFMG-EEF/Health, 1998. p.49-59.
- LIPOVETSKY, G. **O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos**. Lisboa: Dom Quixote, 1994.
- LYOTARD, J.F. **A condição pós-moderna**. Lisboa: Gradiva, 1989.
- MEINBERG, E. Para uma nova ética do desporto. In: BENTO, J.; MARQUES, A. (Orgs.). **Desporto, ética, sociedade**. Porto: FCDEF/UP, 1990. p.69-76.
- PATRÍCIO, M.F. **Lições de axiologia educacional**. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.
- \_\_\_\_\_. **A escola cultural: horizonte decisivo da reforma educativa**. 3.ed. Lisboa: Texto Editora, 1996.
- PINHO NENO, J.A. Educação artística e estética para uma formação integral. In: PATRÍCIO, M.F. (Org.). **A escola cultural e os valores**. Porto: Porto Editora, 1997. p.311-7.
- PLATÃO. **República**. 6.ed. de acordo com a trad. de 1949 de J.Burnet. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- ROCHA PEREIRA, M.H. **Estudos de história da cultura clássica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.
- SANTOS, D. **Obras completas: da filosofia do homem**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982. v.2.
- SAVATER, F. **Ética para um jovem**. Lisboa: Editorial Presença, 2000.
- SILVERMAN, D. Analyzing talk and text. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. (Eds.). **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 2000. p.821-34.
- SOUSA SANTOS, B. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 5.ed. Porto: Edições Afrontamento, 1996.
- TOURAINÉ, A. **Crítica da modernidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- VALA, J. Análise de conteúdo. In: SANTOS SILVA, A.; MADUREIRA PINTO, J. (Orgs.). **Metodologia das ciências sociais**. Porto: Afrontamento, 1986. p.101-28.

Recebido para publicação em: 23 maio 2002  
 Revisado em: 20 set. 2002  
 Aceito em: 28 mar. 2003

ENDEREÇO: Rui Proença Garcia  
 Fac. Ciências do Desporto e de Educação Física  
 Universidade do Porto  
 R. Dr. Plácido Costa, 91  
 4200-450 - Porto - PORTUGAL  
 e-mail: rgarcia@fcdef.up.pt